

## MARCAS DE FALA NA ESCRITA: UMA VISÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

**Fátima Beatriz de Benedictis Delphino**

Doutoranda no programa de Linguística Aplicada ao Ensino da PUCSP  
professora e Gerente Educacional do CEFET-SP.

*Este trabalho pretende apresentar uma amostra de utilização de recursos orais na escrita em editoriais de jornais e em textos clássicos da literatura brasileira. Embora saibamos que a escrita seja sempre mais formal, utilizando recursos que obedecem mais estritamente às normas ditadas pela gramática tradicional, com frequência utiliza-se de recursos geralmente associados à linguagem oral, com a intenção de tornar-se mais persuasiva e aproximar-se mais do leitor. Essa intenção de criar mais intimidade é que vai determinar um grau maior ou menor de oralidade na escrita, mesmo em gêneros considerados mais próximos da língua culta.*

### INTRODUÇÃO

Sabemos que a modalidade língua escrita sempre ocupou *status* mais elevado do que a modalidade língua oral entre gramáticos e estudiosos da língua portuguesa. Nos últimos anos, no entanto, sociolinguistas e analistas do discurso vêm se dedicando ao estudo da língua oral e sua interferência na escrita. Segundo Kato (1986), a escrita e a fala são realizações de uma mesma gramática, mas há variação na forma pela qual as atividades lingüísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido a diferenças temporais, sociais e individuais.

Alguns estudos, visando a uma gramática da fala já começam a surgir. Tannen (1982) demonstra que as diferenças formais entre a fala e a escrita são o gênero e o registro do texto. Estes possibilitam muitas vezes uma mistura das características próprias de cada uma das modalidades.

Pontes (1988) fala sobre a necessidade de diminuir-se o fosso entre a língua coloquial e a literária, pois, entre elas, existem muito mais semelhanças do que se pensa. Esta autora, baseada

em estudo de Lakoff e Johnson (1980), ressalta que a língua coloquial é repleta de metáforas e que a transposição das metáforas do dia a dia para a linguagem literária carrega consigo uma carga de oralidade.

A nossa intenção neste trabalho é mostrar que, independentemente do gênero, sempre que o autor tiver como objetivo básico, convencer, persuadir o leitor, ele pode usar como recursos algumas estratégias consideradas como típicas de língua oral, modificando a forma canônica da escrita, assumindo por vezes um tom dialógico, conversacional e até confessional, por vezes incluindo inesperadamente uma narração em 1ª pessoa, fugindo do esquema fala/menos formal, escrita/mais formal (formal no sentido de mais próximo da Gramática Tradicional).

Moirand (1979) estabelece, dentro da situação de comunicação, situações típicas de oralidade como imediatez da mensagem, presença real do destinatário, proximidade da resposta, possibilidade de mudança imediata, espontaneidade, dialogismo, e situações típicas de escrita como virtualidade do receptor, ausência de resposta, impossibilidade de mudança

imediate, elaboração e construção. Em resumo, a situação oral da linguagem caracteriza-se por ser *na situação* enquanto que na escrita a linguagem é usada *fora da situação*.

Chafe (1982) compara dados de fala espontânea com prosa formal acadêmica, ou seja, dados extremos, e mostra que, embora possamos usar termos como fragmentação e envolvimento como características de fala e integração e destacamento como característica de escrita, essas características podem aparecer na fala e na escrita dependendo do estilo da escrita e do estilo da fala.

Halliday (1993, p. 64) afirma que a língua escrita tende a ser lexicalmente densa, mas gramaticalmente simples, enquanto que a língua falada tende a ser gramaticalmente intrincada, mas lexicalmente esparsa. No entanto essas propriedades seriam complementares e não exclusivas. A escrita tende a acomodar mais itens lexicais, com poucas sentenças no sintagma e a fala tende a acomodar mais processos. Isto não implica que *a média de sentenças por período composto será maior na língua falada, porque também pode ser uma tendência em direção a sentenças mais curtas, especialmente em diálogos. Na verdade, a fala e a escrita têm padrões de lexicogramaticalização preferidos, que podem aparecer cruzados, em situações inesperadas segundo a intenção do falante.*

Kress (1992) coloca que embora a fala e a escrita apresentem diferenças retóricas e conceituais, parece que a *percepção do escritor em relação à sua audiência* (mais formal/menos formal) é que determina as diferenças sintáticas formais das sentenças e sua estruturação em textos. Jornais e revistas que trazem informação como lazer (*Scientific American e The New Scientist*), em geral apresentam cadeias seqüenciais de sentenças, em contraponto, jornais e revistas que trazem informação científica

apresentam sentenças complexas encaixadas (*Science e Evolution*).

Acreditamos, como Kress, que a *percepção do escritor em relação aos seus leitores e a intenção de criar mais intimidade* é que vão determinar um grau maior ou menor de oralidade na escrita, independentemente de gênero e registro. Tomaremos aqui, como exemplos, gêneros considerados tradicionalmente como mais conservadores: editoriais assinados por jornalistas conceituados das áreas política e economia, de *O Estado de São Paulo* e de *A Folha de São Paulo*, constituídos por textos dissertativos/argumentativos. Como contraponto, mostraremos também alguns exemplos retirados da literatura brasileira e tentaremos mostrar como, mesmo em textos conservadores, há presença de traços de oralidade quando o escritor quiser criar intimidade com o leitor.

## METODOLOGIA

A partir das considerações dos autores já citados, serão consideradas marcas de oralidade no texto escrito:

- 1 O estilo dialógico e o uso de parênteses como recurso deste estilo;
- 2 A presença de construções sintáticas menos complexas, com poucas orações subordinadas (cadeias seqüenciais e não encaixadas);
- 3 A presença de metáforas e outras figuras de linguagem de uso popular.

## ANÁLISE

Como primeiro exemplo tomaremos um artigo de Fernando Pedreira, jornalista e escritor de *O Estado de São Paulo*, jornal considerado como um dos mais conservadores do país. Nas suas colunas publicadas aos domingos, este articulista

se utiliza habitualmente de parênteses para gerar um clima de intimidade com o leitor. Leiamos aqui trechos de “*O futuro (ora, o futuro)*” de 24 de julho de 1994. O texto fala sobre o moralismo, ou a falta dele, na nossa época. O autor, desde o título, utiliza muitos parênteses para se dirigir ao leitor.

... De fato, as posições do papa João Paulo II sobre a pílula, por exemplo, às quais a CNBB deve dar cobertura parecem (*e são*) 1 retrógradas e preconceituosas. Mas não se pode negar que a atitude da Igreja e dos conservadores, nessa matéria, seja em geral favorável (vejam bem) 2 à reprodução da espécie ...

Não é difícil perceber, pois, que, além de certos limites (*sempre mal definidos*) 3, há um claro conflito entre os direitos da pessoa, os da sociedade e os da espécie.

Nos últimos 300 anos, de Spinoza para cá, avançamos celeremente num determinado sentido (*apesar dos intervalos totalitários*) 4, mas nada nos garante que esse avanço possa ser, digamos, infinito

... a espécie, o gênero humano (*não confundir com Germano*) 5 ...

... No caso dos direitos femininos (*aí incluídos, com certeza, a pílula e o aborto*) 6, o fundo do poço há de ser o papel da mulher na família, na gestação e educação dos filhos.

Para uma feminista radical, como chegou a ser Simone de Beauvoir (*nos anos de decadência de Jean-Paul Sartre*) 7

... o tema de um longo artigo publicado há pouco mais de ano na revista *Commentary* (*e agora reproduzido em Diálogo*) 8 por James Q. Wilson ...

... ele examina, entre outros pontos, a questão das mães solteiras 9

(*ou abandonadas*), cuja importância real vem menos do número de casos do que da sua concentração em determinados bairros ...

... Cada país tem seus problemas e os do Brasil serão talvez outros, mas a americanização do mundo (*fenômeno da nossa época*) 10 incide mais fortemente, e produz efeitos mais fundos ...

Parênteses, segundo Martins e Zilberknop (1999 p. 355), são utilizados para intercalar uma explicação acessória ou uma manifestação emocional. Aqui alguns parênteses são introduzidos com a intenção de deixar bem clara a própria opinião do autor sobre o assunto de que se está tratando, como os de número 1, 3, 6. O número 5 parece pretender tornar o texto mais leve, fazendo piada com o leitor. Outros, como os de número 4 e 10, fornecem alguma explicação adicional ao leitor. O número 2 é muito especial, pois é o único parêntese que deixa nítida a intenção de usar os parênteses como função interpessoal, ao criar claramente uma interação entre o leitor e o escritor (*vejam bem*).

No mesmo artigo *O futuro (ora, o futuro)*, além da presença numerosa de parênteses notamos a presença de termos populares metafóricos que também podem ser considerados marcas de oralidade como “a própria esquerda ... **tenha embarcado nessa nova canoa com todos os fogos acesos...**” (3º parágrafo), além do intertexto com Olavo Bilac em “Ora, direis, ouvir estrelas ...” em “**Ora, direis, a esquerda...**” (4º parágrafo).

Machado de Assis é um exemplo clássico de autor que utiliza um estilo dialógico, interrompendo a narrativa para conversar com o leitor. No trecho seguinte, de *Dom Casmurro*, o narrador, que deveria contar os acontecimentos do tempo de seminário, interrompe o relato para conversar com o leitor. O trecho traz também uma metáfora popular (a):

No seminário... Ah! não vou contar o seminário, nem me bastaria a isso um capítulo. Não, senhor meu amigo; algum dia sim, é possível que componha um abreviado do que ali vi e vivi, das pessoas que tratei, dos costumes, de todo o resto. *Esta sarna (a) de escrever*, quando pega aos cinquenta anos, não despega mais ...” (p. 68).

Clóvis Rossi, outro editorialista de *A Folha de São Paulo*, utiliza-se com frequência de expressões lingüísticas de uso popular. No artigo “Repetentes”, de 18 de agosto de 1994, observamos várias ocorrências deste tipo:

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Leonel Brizola (PDT) correm o sério risco de repetir o ano, nesta eleição, em parte porque insistem em não enxergar o óbvio. Os dois, no debate da Bandeirantes, terça-feira, voltaram a atacar o Plano Real, acusando-o de um engodo que só está tendo aprovação em decorrência de uma operação de propaganda conduzida pela mídia.

**Bobagem.** Primeiro, o plano não pode ser chamado de engodo, a não ser como arma retórica de uma batalha eleitoral... *A única crítica ao Plano Real que me parece de fato correta é exatamente essa, de que o plano, a curto prazo, tudo bem. Mas a médio e longo prazo não ataca as questões estruturais*, diz o ministro. **Mais claro impossível.**

Segundo: se o plano é ou não eleitoreiro, pela sua coincidência com o calendário eleitoral, acaba sendo irrelevante ... sequer poderia ter um candidato ...

Terceiro: essa história de que a sociedade se deixa enganar pela propaganda em torno do real é **a mais grossa das bobagens...**

... Se a discussão fosse sobre o lempira, a moeda de Honduras,

**os brasileiros comeriam mosca**, porque 99,999% deles jamais ouviram (ou ouvirão) falar dela. ...

Enquanto seus adversários ficarem vertendo mau humor sobre a nova moeda, FHC vai continuar **nadando de braçada.**

Observamos que este texto de Clóvis Rossi apresenta algumas construções em itálico, com expressões de linguagem popular para provocar empatia no público leitor. Apesar disso, contém típicas construções atribuídas à escrita, como a *recursividade*, pois o texto apresenta 24 sentenças encaixadas contra 13 em cadeias sequenciais.

Roberto Macedo, jornalista de O Estado de São Paulo, apresenta metáforas populares no artigo “*O tamanho dos sapos*” de 11 de agosto de 1994:

Quem vai trabalhar em Brasília, particularmente na área econômica, rapidamente percebe seu *envolvimento com a arte de engolir sapos*, vendo-se na contingência de aceitar decisões políticas que não são recomendáveis, tanto do ponto de vista administrativo como pelo lado financeiro, entre outros aspectos. Para os que *não estão dispostos a engolir sapos* de nenhum tamanho, há uma escala de tolerância com o limite definido por critérios próprios, entre os quais se incluem questões éticas, o grau em que a decisão alternativamente tomada compromete aquilo que se gostaria de fazer, e a existência de opções profissionais quando se percebe que é chegada a hora de “*pedir o chapéu*”. *Assim, há uma gradação de sapos que começa pelos girinos, sapinhos e pererecas, até alcançar os de grande dimensão, com cada um que lá trabalha definindo o seu limite. Evidentemente há quem, por impotência ou conveniência, engula bichos de qualquer dimensão ...*

Trata-se de um texto altamente metafórico onde a figura do sapo — que representa tudo que se tem que aceitar, mesmo contrariando normas e princípios, para participar do governo — tem a finalidade de estabelecer com o leitor um clima de ironia e deboche.

Outro exemplo de construção sintática menos complexa, em cadeias sequenciais (orações coordenadas, na análise sintática tradicional), retirado do romance *Agosto*:

... Salete tirou a roupa, colocou um disco da Carmélia Alves na vitrola e ficou dançando baião em frente ao espelho, com os braços levantados, o direito um pouco mais elevado, como se estivesse abraçada a um parceiro. No meio da dança começou a chorar; seu rosto molhado de lágrimas, refletido no espelho, pareceu-lhe menos vulgar, mais romântico — mas continuava feio. Suspirou, pensativa: ela não fazia outra coisa na vida senão chorar. (FONSECA, 1992, p. 105)

Notamos a presença de um número maior de sentenças em cadeias sequenciais, como *Salete tirou a roupa, colocou um disco na vitrola e ficou dançando ... , começou a chorar, seu rosto ... pareceu-lhe menos vulgar ... mas continuava feio ...*

## CONCLUSÃO

O nosso objetivo neste trabalho foi apresentar uma pequena amostra de marcas de oralidade no português escrito do Brasil. Ressaltamos *o estilo dialógico, muitas vezes acompanhado de parênteses e também o uso de expressões populares metafóricas, além de construções sintáticas em cadeias sequenciais de sentença.*

Longe de contribuir para uma pretensa “deterioração sintática” da língua escrita, estas marcas de oralidade a tornam

mais viva e revigorada pela língua falada que é efetivamente a *língua em uso* em contraponto com a escrita, normalmente “amarrada” a convenções muitas vezes ultrapassadas da gramática tradicional.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. de *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1987.
- CHAFE, W. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. *Spoken and written language: Exploring orality and literacy*, ed. by Deborah Tannen p.35-53 Norwood. NJ: Ablex, 1982.
- FONSECA, R. *Agosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HALLIDAY, M.A.K. Spoken and Written Modes of Meaning. *Media texts. Authors and Readers*. David Graddol, Boyd. Barrett. The Open University, 1993.
- *An Introduction to Functional Grammar*. Great-Britain: Edward Arnold, 1985.
- KATO, M. *No Mundo da Escrita. Uma Perspectiva Psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.
- KRESS, G. *Structure of Discourse and Structure of Explanation*. University of London, 1992.
- LAKOFF, G. E JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- MARTINS, D. e ZILBERKNOP, L. *Português Instrumental*. Porto Alegre: Sagra/Luzzatto, 1999.
- MOIRAND, S. *Situations d'écrit*. Paris: Clé International, 1979.
- PONTES, E. O “Continuum” língua oral e língua escrita: por uma nova concepção do ensino. *Trab.Ling.Apl.* Campinas, (12):101-107, jul./dez. 1988.
- TANNEN, D. The Oral/Literate Continuum in Discourse. In: Tannen, D. (ed.) *Spoken and Written Language*. New Jersey: Ablex, 1982.

Para contato com a autora:  
fatima@cefetsp-sp.br